

ZIAUDDIN YOUSAFZAI
com Louise Carpenter

Livre para voar

A jornada de um pai e a luta pela igualdade

Tradução
Denise Bottmann



Copyright © 2018 by Ziauddin Yousafzai
Copyright do prefácio © 2018 by Malala Yousafzai

As fotos são do acervo pessoal do autor, exceto página 4 (acima): © Adrian Bullock

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Let Her Fly: A Father's Journey and the Fight for Equality

Capa

Mario J. Pulice

Foto de capa

© Antonio Olmos

Preparação

Natalia Engler

Revisão

Jane Pessoa

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ziauddin,Yousafzai

Livre para voar : a jornada de um pai e a luta pela igualdade /
Ziauddin Yousafzai, Louise Carpenter ; prefácio Malala Yousafzai ;
tradução Denise Bottmann. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2019.

Título original : Let Her Fly : A Father's Journey and the Fight
for Equality.

ISBN 978-85-359-3200-3

1. Direito à educação 2. Educadores – Paquistão – Biografia
3. Paquistão – condições sociais 4. Relações familiares 5. Yousafzai,
Malala, 1997– 6. Yousafzai, Ziauddin, 1969– 1. Carpenter, Louise.
II. Título.

18-23167

CDD-370.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Educadores : Memórias autobiográficas 370.92

Io landa Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Ao coronel médico Muhammad Junaid e ao doutor Mumtaz Ali,
que fizeram a cirurgia de emergência em Malala
depois do atentado que ela sofreu no Paquistão.
Com a graça de Deus, eles salvaram a vida de Malala.*

Sumário

<i>Prefácio — Malala Yousafzai</i>	9
<i>Prólogo</i>	15
1. Pai	25
2. Filhos	59
3. Esposa e melhor amiga	88
4. Filha	114
<i>Epílogo</i>	153
<i>Agradecimentos</i>	159

Prefácio

Malala Yousafzai

Escrevo este prefácio para agradecer a meu pai.

Desde que o conheço, meu pai é a personificação do amor, da compaixão e da humildade. Ensinou-me o amor não simplesmente com palavras, mas com seus atos de amor e bondade. Nunca vi meu pai ser desrespeitoso ou injusto com quem quer que fosse. Todos eram iguais para ele, muçulmanos e cristãos, de pele clara e de pele escura, pobres e ricos, homens e mulheres. Como diretor de escola, ativista e assistente social engajado, era atencioso, respeitoso e solícito com todos. Todos o amavam. Tornou-se meu ídolo.

Não éramos ricos em termos financeiros, mas éramos ricos em termos éticos e morais. Aba acredita que a riqueza não é uma garantia de vida feliz. Nunca nos sentimos pobres, embora eu me lembre claramente daqueles tempos em que não tínhamos dinheiro suficiente para comprar comida. O pouco que conseguia ganhar com a escola ele gastava com a família num único dia, comprando frutas, e o que sobrava dava à minha mãe, pois era ela quem escolhia os móveis, os talheres etc. que compraria para a

família. Ele se entediava com as compras, e se entediava a ponto de muitas vezes começar a discutir com minha mãe se ela demorasse demais. Minha mãe reagia e alertava: “Você vai me agradecer quando vestir esse terno”. Ele amava ver meus irmãos, minha mãe e eu felizes e saudáveis. Para ele, tínhamos o que era mais importante em nossa vida: educação, respeito e amor incondicional, o que era suficiente para que nos sentíssemos ricos e felizes.

Com seu amor por mim, ele se tornou meu escudo contra todos os males e ruindades ao meu redor. Tornei-me uma menina alegre e confiante, mesmo numa sociedade que não oferecia uma perspectiva muito feliz para meu futuro como mulher. Um profundo respeito pelas mulheres e meninas preenchia o lar em que cresci, mesmo quando não se refletia no mundo lá fora. Mas meu pai me proporcionou o escudo do amor. Era minha defesa numa sociedade que não me tratava igualitariamente. Desde o começo, ergueu-se contra tudo o que ameaçava meu futuro. Eu tinha direito à igualdade, e ele assegurou que eu a tivesse.

Essa cultura de respeito em nosso lar, especialmente pelas mulheres, acompanhava a convicção de Aba quanto ao valor de viver plenamente a vida e aproveitar as chances que ela nos oferece. Aprendi com ele que devo fazer o melhor possível, que devo ser a melhor possível e que devo respeitar as pessoas, não importam suas origens.

Meu pai e eu temos sido amigos desde o princípio e ainda somos, o que é raro quando as meninas crescem e começa a se formar um abismo. Eu compartilhava quase tudo com meu pai, mais do que com minha mãe, desde me queixar de cólicas menstruais até pedir que me arranjassem absorventes. Na verdade, eu tinha bastante medo da minha mãe, pois ela era rigorosa. Meu pai sempre ficava do meu lado quando eu discutia com meus irmãos — o que acontecia quase diariamente!

Eu não era muito diferente das outras meninas da minha

escola no Paquistão, das minhas amigas no bairro e das outras meninas do vale do Swat. Mas tive a inestimável oportunidade de ter uma criação com apoio e estímulo. Não que meu pai me passasse longos sermões ou me desse conselhos todos os dias. Foram os modos, a dedicação à mudança social, a honestidade, a abertura, a visão e o comportamento de meu pai que tiveram grande influência sobre mim. Ele sempre me valorizou. Sempre dizia: “Você está indo muito bem nos estudos, Jani”; “Está falando muito bem”. *Jani*, que significa “amor” ou “alma gêmea”, é o apelido que ele me deu. Minhas pequenas conquistas, nos deveres escolares, em artes, nas competições de discursos, em tudo, sempre eram reconhecidas. Meu pai sempre se orgulhou de mim. Acreditava em mim mais do que eu mesma. E isso me tornava confiante para fazer tudo e mais um pouco.

Meu pai é um grande ouvinte, e esta é uma das coisas que sempre amei nele. Claro, exceto quando está com seu iPad, no Twitter. Aí a gente precisa chamar umas dez vezes, “Aba”, “Aba”, antes que ele responda. Mesmo que diga “Sim, Jani” a cada vez que chamo, na verdade não está ouvindo quando está no Twitter, e sei disso. Quando ouve as pessoas, sobretudo crianças, envolve-se completamente e dá toda a atenção ao que elas têm a dizer. Também foi assim comigo. Sempre me deu ouvidos, ouviu minhas historinhas, minhas reclamações, minhas preocupações e todos os meus planos. Meu pai me fez entender que minha voz tinha força e que isso era importante. Foi o que me encorajou a usar minha voz e me deu enorme confiança. Eu sabia contar uma história, sabia me manifestar e, quando o Talibã chegou, senti que tinha o poder de erguer minha voz para defender minha educação e meus direitos.

Conforme eu crescia, comecei a entender como meus pais

eram diferentes ao perceber que outras meninas eram impedidas de ir à escola ou não podiam frequentar lugares onde havia homens e meninos. Perdemos inúmeras mulheres e meninas nesse tipo de sociedade, onde são os homens que decidem como elas devem viver e o que devem fazer. Vi meninas incríveis que foram obrigadas a renunciar à sua educação e a seu futuro. Essas meninas nunca tiveram uma chance de ser quem eram. Mas eu não era uma delas. Fazia discursos em locais onde apenas meninos falavam, e a meu redor ouvia os comentários dos homens: “Essas meninas deviam ficar separadas!”. Algumas colegas e amigas minhas foram proibidas pelos pais e pelos irmãos de participar desses debates da escola entre meninas e meninos. Meu pai era firmemente contra essa mentalidade e queria mudá-la.

Lembro que, quando meu pai recebia seus amigos e homens mais velhos e ficava conversando na sala de visitas de casa, eu entrava para levar o chá e então sentava e ficava ali com eles. Meu pai nunca disse: “Malala, veja, estamos aqui numa conversa de adultos, falando de política”. Deixava que eu sentasse e ouvisse, e mais do que isso, deixava que desse minha opinião.

Isso é importante porque uma menina que é criada num lar ou numa sociedade desigual precisa combater o medo de não realizar seus sonhos. Para milhões de meninas, a escola é um lugar mais seguro do que o lar. Em casa, recebem ordens para cozinhar, cuidar da limpeza e se preparar para o casamento. Mesmo para mim, com os pais que tenho, a escola representava uma proteção contra as restrições da sociedade. Quando ia à escola, meu mundo consistia em meus professores fantásticos e em meu diretor fantástico, na sala de aula tinha minhas amigas ao lado e todas nós falávamos sobre o aprendizado e nossos sonhos para o futuro.

É difícil expressar o quanto eu amava ir para a escola que meu pai fundou. Durante as aulas, podia quase sentir meu cérebro crescendo mais e mais. Sabia que era o conhecimento que estava

expandindo minha mente, todas as coisas diferentes que estavam ocupando minha cabeça, ampliando meu horizonte.

O pai que me criou ainda é o mesmo. É idealista. Além de ser professor, também é poeta. Às vezes penso que vive num mundo de romance, um mundo de amor pelas pessoas, um mundo de amor pelos amigos, pela família e por todos os seres humanos. Não sou muito dada a ler poesia, mas entendo essa mensagem de amor.

As pessoas que querem mudanças em nosso mundo muitas vezes desistem cedo demais ou nem sequer começam. Dizem: “É um grande problema. O que eu poderia fazer? Como iria ajudar?”. Mas meu pai sempre acreditou em si mesmo e em seu poder de promover uma mudança, por minúscula que fosse. Ele me ensinou que, mesmo que só possamos ajudar uma única pessoa, não devemos pensar que é uma contribuição pequena. Toda pequena ajuda conta dentro do grande plano das coisas. O sucesso, para meu pai, não é apenas alcançar um objetivo. Há beleza em iniciar a jornada, estar na jornada, contribuir para e incentivar a mudança.

Meu pai talvez não possa convencer o mundo inteiro a tratar as mulheres com respeito e igualdade, o que ele ainda procura fazer todos os dias, mas de fato mudou minha vida para melhor. Deu-me um futuro, deu-me minha voz e me deixou livre para voar!

Aba, como posso algum dia lhe agradecer?

Prólogo

Inúmeras pessoas me perguntam, com amor e bondade no coração: “Qual foi seu momento de maior orgulho, Ziauddin?”. Penso, talvez, que estejam me convidando a responder: “Quando Malala recebeu o prêmio Nobel da paz, claro!”; ou “A primeira vez que ela falou na ONU em Nova York”; ou, ainda, “Quando ela conheceu a rainha”.

Malala é homenageada e respeitada em todo o mundo, mas, para mim, é impossível dar uma resposta porque, no fundo, é uma pergunta que se refere não propriamente à minha filha Malala, e sim à influência que ela tem exercido. Falar com uma rainha ou com um chefe de Estado é motivo de maior orgulho meu do que um Nobel da paz? Para mim, é impossível dizer.

O que respondo a essa pergunta é: “Malala me deixa orgulhoso todos os dias”. E digo isso com toda a sinceridade. Minha Malala é, em igual medida, a menina que me faz rir durante o café da manhã com seu humor perspicaz, muito mais afiado do que o meu, e a menina que durante boa parte da vida frequentou

uma escola modesta em Mingora, no Paquistão, e mesmo assim se mostrou mais forte do que o Talibã.

Nunca conheci outra criança que gostasse tanto de aprender. O mundo pode pensar: “Ah, Malala é tão inteligente!”, mas às vezes, como tantos outros estudantes, ela sofre com a sobrecarga de trabalho. Enquanto o frio dia inglês se transforma numa noite inglesa ainda mais fria — e nós, os Yousafzai, tão acostumados com o sol queimando nossa pele, sentimos o frio inglês gelar a espinha —, muitas vezes Malala fica acordada no quarto, com a lâmpada acesa em cima dos livros, com o cenho franzido. E está sempre trabalhando, estudando, estudando sem parar, preocupada com suas notas.

A grande bênção da vida de Malala — de sua “segunda vida”, como diz sua mãe, Toor Pekai, desde que Deus salvou Malala do atentado que sofreu — não é apenas sua dedicação diária à luta pelos direitos de *todas* as meninas. É também seu empenho em viver seu *próprio* sonho. Às vezes, para um pai, surge um momento de verdadeira beleza, de sorte, de amor, de assombro — *Como essa menina extraordinária pode ser minha filha?!* — nas coisas aparentemente mais triviais: uma expressão no olhar, um gesto, um comentário bonito, sábio e ao mesmo tempo inocente. Então, se me pressionarem para dizer qual foi, até agora, meu momento de maior orgulho como pai de Malala, digo-lhes que inclui a Universidade de Oxford e o preparo e consumo de uma simples xícara de chá.

Desde que nos mudamos para a Inglaterra, Malala sempre deixou muito claro que queria estudar política, filosofia e economia na Universidade de Oxford. Foi a mesma escolha feita pela ex-primeira-ministra Benazir Bhutto, a primeira mulher a ocupar o cargo.

A Universidade de Oxford, que, evidentemente, tem fama mundial, não era novidade para Malala. Em sua campanha pública, ela apresentara lá três ou quatro discursos desde que nos mudamos para Birmingham, e a acompanhei em todas as vezes. Àquela altura, ela já tinha idade suficiente para cuidar de si mesma, e não havia mais a menor necessidade de que eu passasse a ferro suas túnicas e lenços de cores vivas, que a mãe escolhia para ela, nem de engraxar seus sapatos como eu fazia quando íamos às ruas na campanha pela educação das meninas no Paquistão.

Eu adorava fazer essas tarefas ditas domésticas para minha filha, e sinto falta delas agora que Malala tem plena independência. Por que eu gostava tanto de cumprir essas tarefas? Porque me sentia capaz, com esses pequenos gestos, de expressar amor e apoio à minha filha e a seu gênero feminino. Era o mesmo sentimento que me levara, depois de seu nascimento — o nascimento de minha filha abençoada —, a incluir seu nome, o primeiro nome feminino em trezentos anos, em nossa antiga árvore genealógica. Era uma maneira de mostrar ao mundo, de mostrar a mim mesmo, não só em palavras, mas também em ações, que as meninas são iguais aos meninos; elas são importantes, suas necessidades têm importância; até as mais pequeninas gostam de ter sapatos limpos.

Entendo que, em muitas culturas, mães e pais de todo o mundo praticam esses gestos para filhos e filhas com grande naturalidade, mas eu, como homem de meia-idade em uma sociedade patriarcal no Paquistão, tive de enfrentar uma longa jornada.

Venho de um país onde fui servido por mulheres durante a vida inteira. Venho de uma família em que meu gênero me fazia especial. Mas eu não queria ser especial por essa razão.

Em minha infância, passada em Shangla, os longos dias quentes eram pontuados por refrescos, preparados e servidos para o conforto dos meninos e homens. Depois eram retirados. Não

precisávamos sequer estalar os dedos ou acenar com a cabeça. Era uma rotina com profundas raízes, entranhadas ao longo de séculos de patriarcado, inconsciente, implícita, natural.

Nunca, nem sequer uma única vez, vi meu pai ou meu irmão se aproximarem do fogão de nossa casa, feita de barro. Em minha infância, também nunca cheguei perto do fogão. Cozinhar não cabia a mim, nem a qualquer homem. Quando criança, aceitei essa verdade sem questionar.

O cheiro do curry cozinhando era sempre acompanhado pelas conversas apressadas e animadas de minha mãe e minhas irmãs, tagarelando enquanto cortavam e picavam os ingredientes, sabendo instintivamente que os nacos suculentos de frango que estavam preparando, as coxas, as sobrecoxas, o peito, não eram para elas, mas seriam servidos a mim — o irmão caçula, uma criança —, ao irmão mais velho e ao pai. Essas magníficas cozinheiras da família, encaloradas com o fogão, com o vapor e a lama toda, teriam se satisfazer com as partes mais ósseas.

Sua ânsia de nos servir, de nos agradar, também se evidenciava no preparo do chá, que ditava ainda mais o ritmo de nossos dias. O chá que tomamos no Paquistão é, em minha opinião, o mais delicioso do mundo. É quente, doce, leitoso; agora que moro na Inglaterra, posso dizer que ele é totalmente diferente do tão famoso chá inglês, o qual, admito, não consigo tomar.

Como muitas outras coisas de meu antigo mundo, o chá no Paquistão é resultado de um ritual. Primeiro, é preciso deixar a chaleira totalmente limpa, sem nenhum resíduo da preparação do chá anterior. As folhas devem ser de boa qualidade. Em seguida, enche-se a chaleira de água, que é fervida junto com as folhas. Quando a fervura está bem intensa, acrescenta-se leite e depois açúcar. A mistura deve então ser reaquecida. Nesse momento, uma mulher pega uma concha, que fica pondo e tirando da chaleira; enche a concha com o líquido, suspende da chaleira e depois

despeja de volta na mistura. Ainda não entendo por que fazem assim, mas as mulheres de casa sempre prepararam o chá dessa maneira, e nosso chá era quente, doce, delicioso. Existe também uma variante ainda mais forte, o *doodh pati*, em que não se usa nada de água; em vez de água, ferve-se primeiro uma quantidade maior de leite, depois se acrescentam as folhas de chá e o açúcar, e então se reaquece a mistura até ficar como mel líquido.

Nós, homens, nunca fazíamos esse chá delicioso; simplesmente fruímos. Uma de minhas primeiras lembranças quando menino é de estar sentado em nossa saleta de estar, meu pai descansando reclinado nas almofadas de um catre. Minha mãe entrou na sala com uma bandeja, um bule e duas xícaras. Meu pai não ergueu a vista do que estava lendo, provavelmente um volume grosso do Hadith, uma coletânea de tradições com ditos do Profeta Maomé (a paz esteja com ele). Ela armou uma mesa, pousou ali a bandeja e verteu o chá quente e doce numa xícara. Estendeu a xícara a ele e encheu outra para que eu, seu filhinho querido, desfrutasse. Então esperou.

Esperou que meu pai e eu tivéssemos tomado tudo o que queríamos antes de se servir. Às vezes meu pai agradecia, mas nem sempre.

A qualidade do chá que lhe dão, disse-me ele, pode ser julgada em três etapas. Primeiro, o homem deve olhar o chá enquanto é vertido do bule para a xícara, observando a textura. Depois, continuou, você deve observar a cor do chá na xícara. E por fim, completou, o teste supremo é quando se leva o chá à boca.

Por muitos anos, a única coisa que meu pai, meus tios e eu fizemos para desfrutar uma xícara de chá foi levá-la até a boca. Se meu pai encontrasse alguma falha, não saberia como fazer uma xícara para si mesmo. Simplesmente diria à minha mãe ou a minhas irmãs que voltassem para a cozinha e fizessem de novo. Isso

era raro de acontecer porque minha mãe era especialista em saber o que agradava a meu pai. Afinal, seu papel na vida era servi-lo.

Em debates e discursos públicos, Malala nunca aparentou nervosismo. Seja onde for, raramente fica nervosa, nem se deixa tomar pela emoção como eu, exceto quando está perto de seus professores. Eu a vi discursar para os líderes da Commonwealth com uma calma quase sobrenatural; no entanto, sentada a meu lado na reunião de pais da Escola Secundária de Edgbaston, onde concluiu o ensino médio, tinha sempre no rosto um leve rubor, quase imperceptível.

Esse mesmo leve rubor ressurgiu no rosto dela em agosto de 2017, quando quatro dos cinco membros de nossa família foram visitar a faculdade Lady Margaret Hall (LMH), em Oxford. Estávamos eufóricos e empolgados, depois de receber a notícia de que Malala obtivera as notas necessárias para a qualificação acadêmica e poderia ocupar sua vaga na LMH dali a oito semanas.

Deu para notar que Malala estava nervosa. Era a primeira vez que Toor Pekai, seu irmão Khushal e eu víamos a Lady Margaret Hall, com sua imponente fachada de tijolos e a sucessão de janelas em arco. A beleza da Universidade de Oxford nunca deixa de me assombrar. Nada nos preparara para aquilo, nenhuma visita prévia, nenhum status de oradora especial da União Estudantil. Dessa vez, Malala era simplesmente a aluna e eu era simplesmente seu pai.

Dois estudantes nos levaram numa visita guiada, o que Toor Pekai e eu apreciamos muito: a biblioteca era enorme, com livros e mais livros nas prateleiras sobrepostas. Dediquei dezoito anos de minha vida a aprender e a ajudar os outros a aprender; como não me emocionar com aqueles livros? O Talibã ateara fogo a centenas de escolas, com todos os seus livros, e proibira o ensino para as

meninas. Ameaçara, com palavras, a minha vida, e quase tirara, com balas, a vida de minha filha, por ser uma menina que queria aprender, que queria ler. E agora estávamos ali; tal era a vontade de Deus. O homem põe, Deus dispõe. Malala não só sobrevivera ao atentado que sofrera por querer estudar, como mostrara a capacidade de se recuperar, de se curar e continuar a aprender, para que agora pudesse ser aceita como aluna em Oxford. Sou um homem emotivo. Foi avassalador ver minha filha prestes a realizar seu sonho de entrar numa universidade. “Mas, Ziauddin”, disse a mim mesmo, “segure as lágrimas por enquanto.”

Depois da visita guiada, o diretor da faculdade nos levou a uma ampla sala de estar com pé-direito alto; havia ali muito ar e muito espaço para aprender. Eu podia sentir os horizontes se alargarem dentro daquelas quatro paredes. Havia pequenos grupinhos reunidos em poltronas e sofás, conversando em voz baixa. O lema da LMH é *Souvent me Souviens*: Lembro-me amiúde.

Vi o diretor atravessar a sala até a máquina de fazer chá. O que meu pai pensaria de tal invenção? O diretor pegou uma xícara, escolheu um saquinho de chá de um recipiente ali próximo e pôs a xícara sob a máquina, enchendo-a de água quente. Alguns segundos depois, pôs a xícara num pires e verteu um pouco de leite. Depois de mexer o chá e jogar fora o saquinho, pegou a xícara com o pires e atravessou a sala com essa única xícara de chá. Éramos muitos ali sem nenhuma xícara na mão, mas ele prosseguiu até chegar a seu destino, e então estendeu a xícara a Malala.

Souvent me Souviens. Só aí comecei a chorar.

Assim, se vocês me perguntarem agora, “Ziauddin, qual é seu momento de maior orgulho até hoje?”, responderei: foi quando o diretor da Lady Margaret Hall preparou e serviu uma xícara de chá a Malala. Foi um momento tão natural, tão normal e, portanto, mais belo e mais poderoso para mim do que qualquer evento de que Malala possa ter participado com um rei, uma rainha ou

um presidente. Aquilo provou algo em que acredito há muito tempo: quando se defende uma mudança, essa mudança vem.

Essa xícara de chá foi preparada de uma maneira ocidental muito estranha a nós. Meu pai se recusaria a tomar o tipo de chá oferecido a Malala. Meu pai o rejeitaria e uma mulher da família tiraria prontamente a xícara de suas mãos e levaria embora, mortificada por tê-lo desapontado. Mas esse momento de receber o chá ficou ainda mais doce porque, se meu pai estivesse ali conosco naquela sala imponente e grandiosa, não lhe caberia recusar a xícara. A xícara passaria por ele e seguiria o trajeto até sua neta.

Quando menino, cresci acreditando nas ideias patriarcas da sociedade. Somente na adolescência é que comecei a questionar tudo o que absorvera como inconteste. É assim que eu encaro a vida: buscar algo além, encontrar e aprender a partir do zero. Que coisa era essa que tanto desejava, muito antes que Malala nascesse? E que então desejei para ela e para minha esposa, para minhas alunas e depois para todas as meninas e todas as mulheres na bela terra de Deus? De início, eu não identificava essa coisa como feminismo. É um termo valioso que aprendi mais tarde no Ocidente, mas naquela época eu desconhecia o feminismo. Por mais de quarenta anos, não tive a menor ideia do que significava. Quando me explicaram, falei: “Ah, fui feminista durante a maior parte de minha vida, quase desde o começo!”. Quando morava no Paquistão, vi minhas ideias passarem a se basear mais no amor, no respeito e na humanidade. Simplesmente queria e continuo a querer que as meninas de todo o planeta vivam num mundo em que sejam tratadas com amor e acolhidas de braços abertos. Queria naquela época e ainda quero o fim do patriarcado, de um sistema masculino de ideias que prospera fundado no medo, que mascara a opressão e o ódio em princípios básicos da religião, e que é incapaz, em seu cerne, de entender a beleza que cabe a todos nós ao vivermos numa sociedade realmente igualitária.

Foi por isso que desatei a chorar com uma simples xícara de chá, porque ela simbolizava o fim de uma luta que eu travara por duas décadas para assegurar igualdade a Malala. Malala agora é adulta, com idade, experiência e coragem suficientes para travar suas próprias lutas. Mas a luta por todas as meninas de todo o mundo ainda não terminou. Todas as meninas, todas as mulheres merecem o respeito que os homens recebem automaticamente. Uma xícara de chá deveria ser oferecida a todas as meninas em suas instituições de ensino — seja no Paquistão, na Nigéria, na Índia, nos Estados Unidos, no Reino Unido —, tanto pela xícara em si quanto por tudo o que ela simboliza.

O caminho para sentirmos o tipo de amor e alegria profundos que sinto quando vejo que minha filha é realmente uma igual nem sempre é fácil para aqueles de nós que fomos criados em sociedades patriarcais. Ao aprender essas novas formas de vida, tive de desaprender tudo o que veio antes. A primeira pessoa com quem deparei bloqueando meu caminho era muito mais perigosa para mim do que qualquer antigo guerreiro pashtun com adaga e escudo. Era eu, meu velho eu, o velho Ziauddin, sussurrando em meu ouvido: “Aonde você vai? Volte atrás! Não seja tonto. Esse caminho é frio e solitário, e para se sentir bem basta voltar ao lugar de onde você veio”.

Foi uma longa jornada, traumática e não isenta de sacrifícios. Quase perdi a própria pessoa por quem iniciei a luta. Mas Malala está viva e tem educação. Estou vivo, a mãe dela está viva, os irmãos estão vivos e, de várias formas diferentes, todos nós estamos sendo educados; Malala e seus irmãos com livros, e a mãe, Toor Pekai, também. Espero continuar a aprender com a própria vida, com todas as suas recompensas e decepções, suas profundas alegrias e suas múltiplas dificuldades.

Escrevi este livro na esperança de que possa algum dia proporcionar algum apoio e incentivo a mulheres, meninas, homens

e meninos de todo o mundo que têm coragem suficiente para reivindicar igualdade, como faz nossa família.

Pois somente quando uma menina como Malala, da terra e das montanhas, recebe uma xícara de chá oferecida pelo diretor de uma faculdade numa sociedade outrora patriarcal, somente quando, graças a uma educação de qualidade, ela mesma se torna diretora, somente aí nossa missão estará cumprida.